

Atividades extra-curriculares e prevenção ao abuso de drogas: uma questão polêmica.*

Extra-curricular activities and the prevention of drug abuse: a polemic question.

Vera Aparecida Carvalho**, Beatriz Carlini-Cotrim**

CARVALHO, V.A. & CARLINI-COTRIM, B. Atividades extra-curriculares e prevenção ao abuso de drogas: uma questão polêmica.. *Rev. Saúde públ.*, S. Paulo, 26: 145-9, 1992. O presente trabalho descreve dados colhidos entre 16.117 estudantes de primeiro e segundo graus, de quinze cidades brasileiras, sobre a prática de algumas atividades não curriculares e o consumo de álcool e drogas. Não foi encontrada, na ampla maioria dos casos, nenhuma associação entre praticar esportes, artes e atividades comunitárias e o consumo dessas substâncias. Mas foi encontrada correlação negativa fraca, mas constante, entre consumo de álcool e drogas e frequência a atividades religiosas. Os achados são discutidos à luz de alguns preconceitos correntes na sociedade brasileira, que rotula o jovem sem ocupação definida como drogado em potencial. Discutem também as implicações do fato de entre os jovens praticantes de atividades religiosas haver uma discreta diminuição do uso de álcool e drogas.

Descritores: Consumo de bebidas alcoólicas, epidemiologia. Abuso de substâncias, epidemiologia. Estudantes, psicologia.

Introdução

"Esporte não é droga. Pratique!"

Adesivo usado em motos, ônibus, automóveis e materiais escolares, na cidade de São Paulo.

O consumo de substâncias psicotrópicas pela juventude é muitas vezes associado à "falta do que fazer". A prática de atividades físicas, a participação em atividades não curriculares de cunho artístico, comunitário e religioso são constantemente encaradas como instrumentos importantes no sentido de afastar jovens e crianças do contato com drogas. Tal postura se filia ao modelo preventivo conhecido pelos especialistas como "oferecimento de alternativas"⁴ mas sua presença vai além da definição acadêmica, permeando alguns importantes momentos do cotidiano escolar.

Assim é que Carlini-Cotrim e Rosemberg⁵ puderam perceber, em ampla pesquisa sobre a abordagem dedicada às drogas psicotrópicas nos livros didáticos nacionais, uma clara intenção de indicar uma série de atividades como estratégias

preventivas ao consumo de drogas. Praticar esportes é o hábito mais recomendado nesses textos, seguido de alimentar-se bem, dedicar-se à leitura e evitar a preguiça⁵.

Da mesma forma, em pelo menos dois programas de grande abrangência (o Pré-Vida, em nível nacional, e o já extinto "Padrões de Saúde Pública entre os Escolares do Ensino de Primeiro e Segundo Graus do Estado de São Paulo), a valorização da atividade esportiva é um tópico de destaque na prevenção ao consumo de drogas³. O Pré-Vida esteve inclusive vinculado, durante vários anos, à própria Secretaria de Educação Física e Desportos (SEED) do Ministério da Educação e Cultura, e tem presença destacada até hoje na organização dos JEBs - Jogos Escolares Brasileiros³. Já o "Padrões de Saúde Pública" chegou a construir/reformar 3.000 quadras de esportes nas escolas, como parte de sua programação anti-drogas³.

Ainda, a própria vivência das autoras do presente trabalho, junto ao professorado e a escolares, permitiu identificar forte associação, no ideário dos profissionais de ensino, entre ócio e consumo de drogas (entendendo ócio como a não participação em atividades organizadas e dirigidas por instituições tais como escola, igreja, clube, entre outras).

O presente estudo verifica a associação entre a participação sistemática em atividades esportivas, religiosas, comunitárias e artísticas e o consumo de álcool e outras drogas, em uma amostra de 16.117 estudantes de primeiro e segundo graus de 15 cidades brasileiras.

* Realizado com auxílio financeiro da United Nation International Drug Control Problem (UNDCP)

** Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), do Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina - São Paulo, SP - Brasil

Separatas/Reprints: V.A. Carvalho - Rua Botucatu, 862 - 1º andar - 04023-062 - São Paulo, SP - Brasil.

Publicação financiada pela FAPESP. Processo Saúde Coletiva 91/4994-0

Metodologia

Os dados foram obtidos a partir da aplicação de um questionário de auto-preenchimento, fechado e anônimo, e integram informações coletadas em ampla pesquisa de amplitude nacional, realizada em 1989 pelo CEBRID (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas) do Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina¹. O universo da pesquisa foi constituído por estudantes de primeiro e segundo graus (quinta série em diante) da rede estadual de 17 cidades: Belém (PA), Belo Horizonte (MG), Brasília (DF), Curitiba (PR), Fortaleza (CE), Porto Alegre (RS), Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA), São Paulo (SP), Bauru (SP), Catanduva (SP), Espírito Santo do Pinhal (SP), Piracicaba (SP), Guaparuva (PR), Ponta Grossa (PR) e Santos (SP) e da rede particular de quatro cidades (Brasília, Curitiba, Fortaleza e São Paulo). No presente trabalho foram excluídas as cidades de Bauru (SP) e Espírito Santo do Pinhal (SP), por problemas de digitação dos dados de interesse. Para as demais foram incluídos somente os estudantes de sétima série em diante, conforme justificado posteriormente.

A amostra de cada uma das 15 cidades foi obtida em dois estágios, após uma estratificação realizada de acordo com a localização e o tamanho das escolas. No primeiro estágio sortearam-se as escolas e, no segundo, as turmas (classes) a serem pesquisadas.

O questionário utilizado é uma adaptação testada, em termos de compreensão e confiança, do instrumento proposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e desenvolvido pela "WHO Research and Reporting Project on the Epidemiology of Drug Dependence"¹². Seu conteúdo consta de vinte questões centrais ("core") sobre dados sócio-demográficos e padrão de uso não médico de psicotrópicos (tabaco, álcool, maconha, cocaína, estimulantes, alucinógenos, inalantes, tranquilizantes, barbitúricos, opiáceos, orexígenos). Integram também o questionário, em sua versão brasileira, mais dez questões opcionais para estudantes a partir da sétima série do primeiro grau. Estas tratam das relações do estudante com a família, o trabalho, participação em atividades esportivas, artísticas, comunitárias e religiosas, sendo estes últimos quatro itens o objeto do presente trabalho. As questões opcionais não constavam dos questionários dos alunos de quinta e sexta séries pois a menor alfabetização e a conseqüente maior dificuldade em responder às perguntas, demandariam tempo ex-

cessivo no preenchimento dos mesmos por parte dos mais novos, acarretando menor qualidade de dados.

O questionário foi aplicado coletivamente, em sala da aula, sem a presença do professor. Profissionais especialmente treinados para uma orientação clara e isenta distribuíram o questionário, explicando brevemente os objetivos da pesquisa. Enfatizavam aos alunos que o preenchimento do questionário era voluntário, podendo ser devolvido em branco. Sua devolução era feita em uma, colocada à frente da sala de aula.

Mais informações sobre a metodologia de aplicação e desenvolvimento do questionário, assim como da amostragem, podem ser obtidas em Carlini e cols^{1,2}.

Para efeito deste estudo considerou-se:

usuário de drogas: aquele estudante que consumiu pelo menos uma vez nos últimos trinta dias alguma (ou várias) substância(s) psicotrópica(s) integrante(s) do questionário, à exceção de álcool e tabaco.

usuário de álcool: aquele estudante que tomou alguma bebida alcoólica nos últimos trinta dias.

Em relação à participação em atividades sociais, utilizou-se como critério a frequência atual, pelo menos uma vez por semana, em:

- a) atividades esportivas,
- b) atividades religiosas,
- c) atividades artísticas: teatro, música, pintura ou dança.
- d) atividades comunitárias: associações de bairro, sindicatos, instituições de caridade ou partidos políticos.

A associação entre o uso atual de álcool e outras drogas e as variáveis em questão foi medida através dos testes Qui-Quadrado ou da Prova de Fisher⁸ (dependendo do n envolvido na análise de cada caso). A intensidade da associação foi determinada pelo coeficiente de Yulle. Só foram apresentados os resultados cuja probabilidade de rejeição da hipótese de nulidade fossem iguais ou menores que 0,05.

Segundo Jack Levin⁹ a estatística de Yulle pode ser interpretada da seguinte maneira:

Valor do Yulle	Correlação
Zero	Ausente
0,1 a 0,4 (+ ou -)	Fraca
0,5 a 0,9 (+ ou -)	Moderada
0,91 a 1,0 (+ ou -)	Forte ou perfeita

Resultados

Do total de 16.117 estudantes pesquisados, 44,9% declararam haver consumido bebidas al-

coólicas nos últimos trinta dias e 8,8% outras substâncias psicotrópicas. Em relação à prática de atividades não curriculares, 48,9% declararam praticar uma atividade, 25,4% duas ou mais atividades e 25,7% nada fazer. Nas Figuras 1 e 2, pode-se observar que esta distribuição praticamente não sofre alteração quando se separam os estudantes entre usuários e não usuários de álcool (Figura 1) e drogas (Figura 2).

Num segundo momento, verificou-se com que frequência cada uma das atividades era rea-

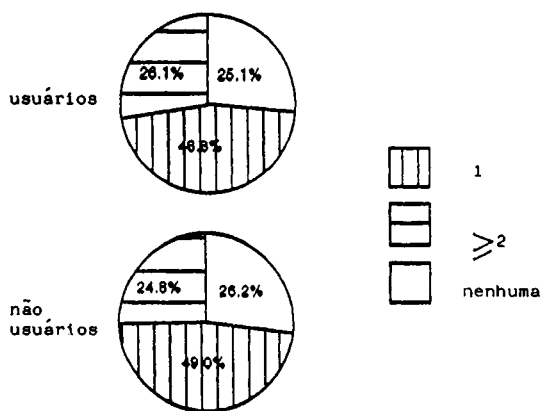


Figura 1 - Percentagem de estudantes usuários (últimos trinta dias) e não usuários de álcool, segundo a quantidade de atividades não curriculares em que estão envolvidos no seu tempo livre, em quinze cidades brasileiras. Foram pesquisadas as atividades religiosas, artísticas, esportivas e associativas.

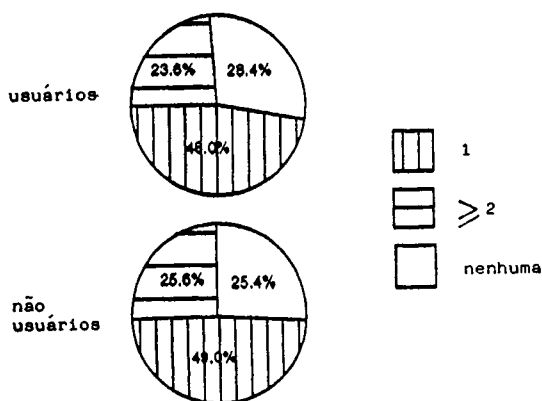


Figura 2 - Percentagem de estudantes usuários (últimos trinta dias) e não usuários de drogas, segundo a quantidade de atividades não curriculares em que estão envolvidos no seu tempo livre, em quinze cidades brasileiras. Foram pesquisadas as atividades religiosas, artísticas, esportivas e associativas.

lizada. Conforme Tabela 1, o esporte é praticado por 62% da amostra (média das 15 cidades), as atividades religiosas por 28%, as artísticas por 14% e as comunitárias por 4%. A Tabela 1 indica, em cada cidade, a intensidade e o sinal da associação entre o consumo atual de álcool e drogas e a prática das atividades estudadas. Os dados só são apresentados para os casos em que se obtiveram associações estatisticamente significantes ($p \leq 0,05$).

Na grande maioria dos casos, nenhuma associação foi encontrada entre prática de esportes, atividades comunitárias e artísticas e o consumo de álcool e outras drogas. Quando isto ocorreu, a correlação foi fraca ou, no máximo, moderada (exceção feita somente para Salvador, em relação às atividades sindicais). Por outro lado, observou-se, com frequência, correlação negativa fraca entre o uso de álcool (11 cidades) e drogas (6 cidades) e a prática de atividades religiosas. Tal achado, pela sua constância, justificou análise mais detalhada da questão da prática religiosa, descrita na Tabela 2. Como pode ser observado, a maioria dos estudantes que frequentavam atividades religiosas referiam ser católico ou protestante. Os protestantes (tradicionalistas e pentecostais) foram os que apresentaram correlações negativas de maior intensidade.

Discussão

Os dados do presente trabalho indicam que, pelo menos em relação à população estudada (jovens estudantes do meio urbano brasileiro), a prevenção ao consumo de álcool e drogas através do simples preenchimento do tempo livre parece ter pouco efeito. Dados semelhantes foram detectados recentemente em relação a 1.779 estudantes norte-americanos que frequentavam o "college": usuários e não usuários de drogas participavam indistintamente de atividades esportivas, clubes, associações e organizações políticas⁶.

Os presentes achados põem em discussão algumas idéias bastante difundidas na sociedade brasileira, que tendem a conceber o tempo livre como propiciador de comportamentos de risco.

Tal concepção implica na identificação do estudante pobre, que gasta seu tempo livre nas ruas, como um sujeito potencialmente drogado. Implica ainda, com grande frequência, numa sobrecarga do cotidiano de crianças e adolescentes de classe média e alta que passam, muitas vezes de modo não-voluntário, a frequentar cursos de dança, judô, música, línguas, computação e outros, numa verdadeira maratona produtivista.

Tabela 1 - Intensidade de correlação* entre a prática de atividades não curriculares** e o uso de álcool*** e drogas***

Percentagem de participação		62 %		28 %		4 %		14 %	
Participação em:		Esportes		Atividades religiosas		Atividades sindicais, políticas		Atividades artísticas	
	Cidades	Álcool	Drogas	Álcool	Drogas	Álcool	Drogas	Álcool	Drogas
Rede Estadual	Belém	+ 0,2		- 0,2					
	Belo Horizonte			- 0,3	- 0,2				
	Brasília	+ 0,2		- 0,2	- 0,4				
	Curitiba				- 0,4				
	Fortaleza	+ 0,2		- 0,2				+ 0,4	
	Porto Alegre			- 0,2					
	Recife			- 0,2					+ 0,3
	Rio de Janeiro			- 0,3	- 0,2	+ 0,4			
	Salvador			- 0,4				- 1****	
	São Paulo			- 0,2					
	Catanduva (SP)			- 0,3					
	Guarapuava (PR)								
	Piracicaba (SP)			- 0,3		- 0,5			
	Ponta Grossa (PR)								
Rede Particular	Santos (SP)	+ 0,2	- 0,4						
	Brasília		+ 0,6	- 0,3	- 0,5				- 0,4
	Curitiba								
	Fortaleza				+ 0,3	+ 0,5			
	São Paulo								

* coeficiente de correlação (Yulle) para associações significantes ($\leq 0,05$)

** pelo menos uma vez por semana

*** pelo menos uma vez nos últimos 30 dias

**** único resultado significativo onde foi utilizada a estatística de Fisher. (ver metodologia)

Tabela 2 - Intensidade da correlação* entre a prática de atividades religiosas católica e protestante** e o uso de álcool*** e drogas***

Religião	% de participação	Álcool	Drogas
Católico	18,0		- 0,2
Protestante	6,4	- 0,6	- 0,3

OBS: os dados da tabela não somam 100%, pois 71,9% responderam não freqüentar nenhuma atividade religiosa; 1,2% não especificou a religião e os 2,4% restantes se subdividiram em 10 religiões diferentes, o que não possibilitou uma análise caso a caso.

* medida pela estatística de Yulle. Só foram apresentadas as associações estatisticamente significantes ($p \leq 0,05$)

** pelo menos uma vez por semana

*** pelo menos uma vez nos últimos 30 dias

Já participar de atividades religiosas associou-se fracamente a um menor uso de álcool e drogas. Neste caso, é legítimo supor que tal resultado se explique, não pela ocupação de tempo que tais atividades demandam, mas pelo código moral subjacente a grupos religiosos. De fato, em extensa revisão sobre as atitudes em relação ao álcool, Crawford⁶ apontou para uma maior

tolerância de grupos não religiosos em relação ao consumo de álcool. Já Knupfer e Room⁷ encontraram uma proporção razoável de abstêmios norte-americanos que justificavam tal comportamento pela sua moral religiosa. Como afirmam Selnow e Crano¹⁰, em relação a este assunto: "Nestes grupos, a iniciação de membros adolescentes inclui não só a introdução aos credos do grupo, mas também, talvez por mecanismos sutis de pressão, a consciência dos padrões e códigos que unem os membros da organização".

Os achados do presente trabalho não invalidam, no entanto, a utilização de estratégias de ocupação do tempo livre como instrumento auxiliar em programas preventivos do consumo de psicotrópicos, nem tampouco a importância de se reivindicar espaços de lazer e convivência para os jovens de grandes conglomerados urbanos. Os resultados encontrados parecem apenas deslocar a discussão do "fazer x não fazer" para a do como fazer, tendo como pressuposto que um jovem realizado em suas potencialidades (e não apenas ocupado, ou assimilando padrões e códigos) deve ser a meta adequada de programas que

visem a saúde mental do adolescente. A ânsia de ocupar o jovem a qualquer custo passa, nesta perspectiva, a ser substituída pela preocupação com a qualidade - em termos de vivência, criatividade, espaço para questionamento que atividades não curriculares possam vir a oferecer.

Tal raciocínio poderia ser a base também para se discutir a existência de maior número de usuários de álcool* e drogas^{1,2} entre estudantes que trabalham, quando comparados com seus colegas que só estudam. O fato de ter seu tempo fora da escola ocupado, mas em uma atividade possivelmente pouco gratificante, fruto das condições em que o trabalho infantil é realizado no Brasil, atuaria no sentido contrário ao da crença de que "o trabalho enobrece (sempre) o homem".

O achado de uma única correlação negativa perfeita ocorrida em Salvador, em relação a atividade sindical e o uso de drogas, deverá demandar estudos futuros que procurem entender melhor as especificidades da prática sindical daquela cidade.

Concluindo, estudos futuros, neste campo, merecem ser desenvolvidos. É possível que novos recortes na coleta de informações forneçam resultados complementares e enriquecedores dos obtidos aqui, como, por exemplo, a divisão entre atividades praticadas em grupos formalmente organizados (instituições) e as praticadas informalmente¹¹.

CARVALHO, V.A. & CARLINI-COTRIM, B. [Extra-curricular activities and the prevention of drug abuse: a polemic question]. *Rev. Saúde públ.*, S. Paulo, 26: 145-9, 1992. Data obtained from 16,117 high school students in fifteen Brazilian cities, relating to participation in a number of extracurricular activities and consumption of drugs and alcohol, are described. In the great majority of cases, no association was found between participation in artistic, community or sports-related activities and the use of these substances. On the other hand, a weak but constant negative correlation was found between alcohol/drug consumption and involvement in religious activities. The authors discuss these findings in the light of some of the current preconceptions prevailing in Brazilian society: namely, that such activities constitute effective strategies for drug use prevention; and that "idle" young persons tend to be potential drug users. They also discuss the implications of the fact among students involved in religious activities drug and alcohol consumption has been shown to be slightly lower.

Keywords: Alcohol drinking, epidemiology. Substance abuse, epidemiology. Students, psychology.

Agradecimentos

À Rebeca Souza e Silva pelas sugestões e orientações na análise dos dados.

Referências Bibliográficas

- CARLINI, E.A.; CARLINI-COTRIM, B.; SILVA FILHO, A.R.; BARBOSA, M.T.S. *II Levantamento Nacional sobre o Uso de Psicotrópicos em Estudantes de 1ª e 2ª Graus*. São Paulo, Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas CEBRID/Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina, 1990.
- CARLINI, E.A.; CARLINI-COTRIM, B.; SILVA FILHO, A.R.; BARBOSA, M.T.S. O uso de drogas psicotrópicas por estudantes de primeiro e segundo grau da rede estadual em dez capitais brasileiras, em 1987. In: *Consumo de drogas psicotrópicas no Brasil, em 1987*. Brasília, Ministério da Saúde/Ministério da Justiça, 1989. p.9-84. (Série Estudos e Projetos).
- CARLINI-COTRIM, B. A educação e a questão das drogas. São Paulo, 1990. [Projeto de pesquisa submetido à qualificação para Doutorado - Pontifícia Universidade Católica].
- CARLINI-COTRIM, B. & PINSKY, I. Prevenção ao abuso de drogas na escola: uma revisão da literatura internacional recente. *Cad. Pesq.*, S. Paulo, (69): 48-52, 1989.
- CARLINI-COTRIM, B. & ROSEMBERG, F. Os livros didáticos e o ensino para a saúde: o caso das drogas psicotrópicas. *Rev. Saúde públ.*, S. Paulo, 25: 299-305, 1991.
- CRAWFORD, A. Attitudes about alcohol: a general review. *Drug Alcohol Depend.*, 19: 279-312, 1987.
- KNUPFER, G. & ROOM, R. Abstainers in a metropolitan community. *Quart. J. Stud. Alcohol*, 31: 108-31, 1970.
- LEVIN, J. *Estatística aplicada a ciências humanas*. São Paulo, Harper & Row do Brasil, 1985.
- POPE JR., H.G.; PIOGGIO, M.I.; AIZLEY, H.G.; VARNA, D.K. Drug use and life style among college undergraduates in 1989: a comparison with 1969 and 1978. *Amer. J. Psychiatry*, 147: 998-1001, 1990.
- SELNOW, G.W. & CRANO, W.D. Formal vs. informal group affiliations: implications for alcohol and drug use among adolescents. *J. Stud. Alcohol*, 47: 48-52, 1986.
- SEIGEL, S. *Estatística não-paramétrica para as ciências do comportamento*. São Paulo, McGraw Hill do Brasil, 1975.
- SMART, R.G.; HUGHES, P.H.; JOHNSTON, L.D.; ANUMONYE, A.; KHANT, U.; MEDINA-MORA, M.E.; NAVARATNAN, U.; POSHYACHINDA, V.; VARNA, V.K.; WALUD, K.A. *A methodology for student drug-use surveys*. Geneva, World Health Organization, 1980. (Offset Publication, 50).

* MONTEIRO, M.G. & CARLINI-COTRIM, B. O uso de bebidas alcoólicas entre estudantes brasileiros de primeiro e segundo grau 1991. [Dados Inéditos].

Recebido para publicação em 29.8.1991
Reapresentado em 7.2.1992
Aprovado para publicação em 19.2.1992